

DESIGUALDADES RACIAIS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS DO ENSINO MÉDIO

ZANDONA, Eunice Pereira – UFMT – eunice.zandona@gmail.com

GT-21: Afro-Brasileiros e Educação

Segundo dados do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD/2005) o desenvolvimento social no Brasil exclui a população negra, o país guarda diferenças gritantes quando este indicador é medido de forma diferenciada entre as populações negra e branca.

Se o racismo brasileiro é escamoteado no cotidiano dos brasileiros, os diversos estudos e pesquisa do RDH (2005) revelam a existência de uma situação de desigualdade em diversos níveis: saúde, educação, emprego, habitação e renda. Entre os fatores de reprodução das desigualdades raciais no Brasil, à educação ocupa um lugar de destaque.

O direito à educação para os não brancos, para os não pertencentes à elite, só viria quase um século depois, após muitas lutas e reivindicações, a partir da Lei 5.892 de 1971; “porém, esta democratização de acesso ao ensino (...) não foi acompanhada de uma preparação do magistério para lidar com as classes numericamente grandes e racionalmente heterogêneas. Os paradigmas do ensino prosseguiram, apoiando-se em valores de classe média branca (...) assim a ‘democratização’ foi feita nos moldes da qualidade de alunos atendidos e não da qualidade do ensino ministrado” (SILVA Jr, 2002).

O perfil socioeconômico da maioria dos jovens afro-brasileiros não lhes permite ter acesso ao Ensino Médio no setor privado o que vem sendo constatado durante essa pesquisa. A maioria desses jovens estuda nas escolas públicas, de péssima qualidade esse tem sido um fator revelador da principal barreira ao Ensino Superior, pois o ensino público, quanto à educação básica tem sido ineficiente e desqualificado

A exclusão socioeconômica a que está submetida a população negra produz perversas conseqüências. De um lado, a permanência das desigualdades raciais naturaliza a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania por parte dessa parcela de brasileiros à qual é negada a igualdade de oportunidades que deve o país oferecer a todos. (JACCOUD E BEGHIN, p.37).

Fúlvia Rosemberg (1991) constata em sua pesquisa “Raça e educação inicial” que as oportunidades educacionais oferecidas pelo sistema público às crianças negras são de pior qualidade.

Segundo Henriques (2001, p. 1) “o pertencimento racial tem contribuído decisivamente para a estruturação das desigualdades sociais e econômicas”. Essa pesquisa constata que a escolaridade de negros e brancos aumentou durante o século XX. Todavia, em relação ao desempenho escolar dos jovens brancos, os jovens negros apresentam desempenho inferior. Porém se analisado as desigualdades educacionais entre jovens brancos e negros independentes do nível de ensino pesquisado é alarmante a diferença na escolarização dos jovens negros.

Pesquisas têm mostrado que a maioria dos jovens entre 15 e 24 anos estão fora da escola, os mesmos acabam se distanciando da escola, pois precisam trabalhar para sobreviver. Com essa barreira, o jovem fica excluído do processo de escolarização mais elevado e quando muito não consegue nem mesmo concluir o Ensino Fundamental. É o que se pode constatar no quadro abaixo:

Estudantes de 18 a 24 anos: por cor e nível de ensino freqüentado – 2003 (em%)

COR	TOTAL	FUNDAMENTAL	MÉDIO	PRÉ-VESTIBULAR	SUPERIOR
Preta/Parda	3.626.733	30,9	49,8	3,9	14,1
Branca	4.258.209	11,6	35,3	6,3	46,4

Fonte: IBGE/SIS de 2004

A marca do preconceito e da discriminação racial está contida na desigualdade de acesso às posições sociais e nos baixos índices sócio-econômicos, o que nos mostra a necessidade de ampliar o entendimento de como o preconceito opera em nossa sociedade.

Jaccoud e Beghin (2002) afirmam que a discriminação racial:

A discriminação racial foi, desde o início, interna ao sistema. Abolida a escravidão em 1888, os afro-descendentes continuaram a sofrer uma exploração específica graças aos mecanismos de exclusão que acompanham o racismo. Romper com essa inércia, reverter o estigma, recuperar a auto-estima, afirmar a igualdade dos direitos, agir para que a lei garanta as mesmas oportunidades a todos têm sido algumas das principais bandeiras do movimento negro. (JACCOUD E BEGHIN, 2002, p.15)

Hasenbalg (2005, p. 177) ao examinar a evolução das desigualdades raciais no Brasil aponta que “a desigualdade de oportunidades é manifesta e cristaliza-se em desigualdades sociais ao longo de linhas raciais, sugerindo a existência de discriminação

contra os não brancos”. As estatísticas estampam a diferença de participação entre os grupos raciais e rompem com a idéia falaciosa de uma democracia racial brasileira, de acordo com os indicadores de PNAD/IBGE/2005.

O índice de reprovação nas instituições públicas também demonstra que há uma estreita relação entre a educação escolar e as desigualdades raciais na sociedade brasileira.

Para ampliarmos nossa visão sobre a desigualdade racial na educação, faz-se necessário questionarmos o dia-a-dia nas escolas e, principalmente, o fazer profissional de todos envolvidos no espaço escolar, onde nem sempre os agentes estão conscientes de que a manutenção de preconceitos seja um problema.

A projeção das desigualdades entre negros e não negros na educação está a exigir uma formação dos profissionais da educação que de conta da eliminação deste problema, que atinge a toda a humanidade. (OLIVEIRA, 2006, p. 128).

Uma das conquistas do Brasil no final do século 20 e no início do século 21 foi ter atingido a quase universalização do ensino fundamental, e a expansão educacional alcançou crianças tanto brancas como negras, de acordo com dados do IBGE de 1991.

Em 1992 de todas as crianças que freqüentam a escola, 66,4% eram negras e 33,6% brancas; em 2003 esses valores alteraram para 67,9% e 32,1%, respectivamente, de acordo com o RDH/2005.

Segundo dados do INEP/MEC no ensino médio, a matrícula segundo o Censo Escolar quase que dobrou, de 5,3 milhões em 1995 para 9 milhões em 2004.

Porém, promover a expansão do ensino fundamental, sem dar atenção especial à inclusão racial, significa perpetuar os padrões de desigualdade presentes há décadas no sistema educacional brasileiro. Com base no balanço da intervenção governamental de 2002 em relação às desigualdades raciais no Brasil a população negra apresenta grande desvantagem em relação à branca.

O Censo Escolar de 2005 contabilizou 207 mil estabelecimentos de ensino. Pela primeira vez, o questionário do Censo Escolar incluiu o quesito cor/raça. Não responderam a esse quesito 18,1% dos alunos; dos que responderam 46,1% declarou-se pardos, 41,6% brancos, 10% pretos e os restantes 2,4%, de cor/raça amarela e indígena.

Segundo Gomes (1995, p.147) o sistema educacional brasileiro “desempenha um papel preponderante no quadro de desigualdades raciais em nosso país e comparando-se a pequena quantidade de negros que conclui o segundo grau com o segmento branco da população”.

As desigualdades raciais apresentam-se surpreendente, confirmando a idéia de que a exclusão e a pobreza não são somente econômicas, mas de preconceito e discriminação racial.

Sabe-se que a atribuição de significados sociais à diversidade humana a hierarquiza, provocando as desigualdades entre negros e não negros em todos os setores sociais, com forte projeção na educação na qual são evidenciados claramente, os efeitos da discriminação contra o negro na educação. (OLIVEIRA, 2006, p.128).

Na sociedade brasileira os negros carregam estereótipo, como marca de inferioridade. Alguns estudos sobre a educação do negro no Brasil buscam compreender os fatores que levam os negros a serem estigmatizados, contribuindo para o percurso acidentado na sua trajetória escolar.

Após a abolição final, o racismo, a discriminação e a segregação geográfica dos grupos raciais bloquearam os principais canais de mobilidade social ascendente, de maneira a perpetuar graves desigualdades raciais e a concentração de negros e mulatos no extremo inferior da hierarquia social. (HASENBALG, 2005, p. 233).

Para realizar este estudo, parto do pressuposto de que existem vários fatores que interferem na trajetória de vida e escolar dos alunos negros do ensino médio, como a manifestações de racismo, de discriminação e de preconceito racial nas vivências destes alunos. Para tanto, apresento resultados parciais da pesquisa que investiga a trajetória escolar de alunos negros e suas experiências frente ao preconceito e a discriminação sofrida ou presenciada no contexto escolar, e como esses mecanismos interferem no processo educativo. Percebendo se os alunos negros concebem os entraves no acesso ao Ensino Superior como conseqüência de sua cor e também das desigualdades racial e social.

A pesquisa está sendo realizada em duas Escolas Públicas da periferia Cuiabá/MT. Os sujeitos da pesquisa são alunos negros do Ensino Médio do 1º, 2º e 3º ano, que estudam no período noturno. Até o momento foram entrevistados 10 alunos que foram identificados pela pesquisadora como negros. Dentre estes, 30% denominaram-se negros, 60% dominaram-se pardos e morenos e 10% amarelo. O nível sócio-econômico dos alunos foi mensurado através da faixa salarial da família, sendo que 80% tem renda familiar até 2 salários mínimos, 20% superior a 2 salários mínimos.

A história oral faz-se importante, pois possibilita ouvir a versão dos alunos, que falam de suas vivências no espaço escolar, possibilitando novas versões de suas histórias sobre o passado. Segundo Thompson (1992, p. 44) “a história é uma história

construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”. Para Becker (1999) “a história valorizada é a história própria da pessoa, nela são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas a medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual são elas vividas”.

Todos dados coletados, estão sendo gravados e transcritos, permitindo uma análise da trajetória escolar dos entrevistados e dos obstáculos por eles superados.

Nos depoimentos realizados até o momento com 10 alunos foi possível constatar que o preconceito e a discriminação racial, continuam agindo no espaço escolar. Os alunos negros relatam que são vítimas de xingamentos, piadas, apelidos, deixando implícito que o corpo negro tem um peso na trajetória desses alunos. Percebe-se que as práticas discriminatórias camufladas e silenciadas no espaço escolar operam de todas as formas, excluindo a verdadeira história desses alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo. Editora Hucitec, 1999.
- CUNHA JUNIOR, Henrique, 1952-**Textos para o movimento negro** 1ª-ed. São Paulo: EDUCON, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Maza Edições, 1995.
- HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed. 2005.
- HENRIQUES, R. **Desigualdades raciais no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90**. Brasília: IPEA, 2001.
- JACCOUD, Luciana & BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília: IPEA, 2002.
- OLIVEIRA, Iolanda. **A formação de profissionais da educação para a diversidade étnico-racial**. In: Educação diferenças e desigualdades. Muller, Maria Lucia R. Paixão, Lea Pinheiro. (Orgs). Cuiabá: EdUFMT, 2006.
- ROSEMBERG, Fúvia. **Raça e Educação inicial**. Cadernos de pesquisa. N° 77, 1991.
- SILVA, Jr. Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO, 2002.
- THOMPSON, P. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1992.

SITES

www.mec.gov.br

www.inep.gov.br

www.ibge.gov.br

www.pnud.org.br